

I—A—Quadros gerais da decadência: Indicações preliminares

Os elementos anteriormente referidos, permitiram-nos, conjugando-se, definir o período europeístico.

A chamada Crise europeia é assim, sob o ponto de vista histórico, um prelúdio deste período. Significa isto que a Europa se não acha ainda propriamente em pleno período europeístico, mas sim na fase terminal do seu período áureo. Os fenómenos actuais rotulados sob o nome de *Crise europeia* são sintomas que anunciam o futuro período da decadência do complexo europeu.

A comparação histórica a estabelecer é, pois, não propriamente entre os períodos europeístico, helenístico e romanístico, mas entre as fases terminais do período áureo das civilizações grega, romana e europeia. No entanto como os fenómenos da decadência têm o seu prelúdio no fim do período áureo, e mesmo anteriormente, e como adquirem, por vezes, o seu mais forte relêvo em pleno período da decadência, convém não limitar em extremo esta comparação, e tornar mais evidentes as analogias existentes por um exame comparado dos períodos globais.

Neste esboço sumário, de tipo jornalístico, não poderemos cingir-nos a rigores de marcação, esforçando-nos, sobretudo, por dar ao leitor, como temos feito até aqui, uma ideia geral da teoria e dos pontos de vista que melhor interpretação nos parecem dar daquilo que, num lugar-comum já consagrado, se chama a crise europeia.

Se tal Crise é, apenas, como fizemos ver já, resultado dum fenómeno normal da história, deve ser caracterizada não somente pela sua posição na curva do complexo, mas por um sistema de fenómenos gerais comuns a esse fenómeno: —Por outras palavras, os períodos helenístico, romanístico e europeístico, devem obedecer a uma mecânica histórica comum. Tais períodos devem, pois, ser susceptíveis de uma descrição geral, independente dos fenómenos específicos de cada um.

E' o que na realidade sucede: por forma que compreender e interpretar a crise europeia coincide com o estabelecimento das leis gerais que regem a decadência das civilizações.

Antes, porém, de pôrmos em evidência estas leis, convém que o leitor compare entre si, globalmente, os quadros históricos da decadência grega e romana com o actual quadro da Europa. Não podemos desenvolver neste local tal comparação, pois os quadros são complexos e extensos. Vamos, porém, tentar facilitar a tarefa do leitor indicando as vias que nos parecem mais seguras e os quadros mais sugestivos para estabelecer a comparação referida.

O excelente livro de Glotz, «La Cité Grecque», fornece um quadro em extremo sugestivo da Grécia em decadência.

A terceira parte deste livro, «La Cité au déclin», apresenta uma série de aspectos impressionantes deste declínio. Costumes e ideias novas, as artes e as letras, a vida particular, são ali desenhados com vigor. Depois, num capítulo sobre as transformações da vida social e política, o autor trata do papel da crematística, da luta de classes, ocupando-se em seguida, num outro capítulo, da corrupção das instituições democráticas. A assembleia do povo, no IV século, as obrigações judiciais, fiscais e militares, o problema da unificação da Grécia, as ligas e federações, a Liga de Coríntio, conduzem por fim o leitor ao quadro «Fim da Cité Grega».

A semelhança flagrante que estes quadros apresentam com os fenómenos da Europa actual saltará por tal forma aos olhos do leitor que não insistiremos aqui em tal semelhança. O leitor terá a grande surpresa de verificar que muitos fenómenos políticos, sociais, morais e intelectuais que dominam a vida da Europa actual, e que a maior parte das pessoas julgam específicos dos nossos tempos, nada têm, pelo contrário, nem de novo nem de original. Frequentes vezes sucederá ao leitor ver desaparecer a sensação de distância no tempo, e a página que tem sob os olhos lhe parecerá referente a factos de tempos actuais. E tão flagrantes são por vezes as semelhanças, mesmo em detalhe, que algumas das páginas de Glotz poderiam ser publicadas numa revista europeia, aplicada a fenómenos europeus sem que os leitores dessem pelo «truc».

Cubismos e futurismos, sejam quais forem os seus aspectos, artísticos, literários, políticos, sociais, morais ou filosóficos, são hoje, em suma, em suas linhas gerais, exactamente o que foram na decadência da Cité; factos económicos e crise da Crematística, autarquias, individualismos, Integralismos, etc., etc., aparecem-nos igualmente não só com perfeita semelhança de linhas gerais, mas até de impressionantes detalhes.

A CRISE 4--Período

Mesmo o tom de certos discursos, artigos, apóstrofes e proclamações, se encontra, com identidade impressionante, na decomposição da velha Grécia. Não podemos, sequer, furtar-nos a um sorriso de ironia ao encontrar nos discursos da velha Hélade as apóstrofes e os lugares-comuns característicos dos dias de hoje...

«Uma moral à Nietzsche, diz Glotz (pag. 452), vai dar a uma política à Machiavel. O Estado é absorvido em personalidades vigorosas, em naturezas fortes que armam a abolição com ardor e violências e assim é que surgem Denys de Syracusa, Enagoras de Cypre, Hermias de Arteno, Lycofran e Jason de Phères, Clearchos de Heradea e tantos outros. Durante instalou-se na Cité, diz Aristóteles em termos impressionantes, o hábito de desdenhar a igualdade, e de cada um correr atrás do poder, ou então quando se fica por debaixo, de se resignar à obediência. Estes hábitos que o maior observador da antiguidade se limita a anotar, são justificados pelos teorizadores, que os glorificam. A ideia monárquica anda no ar. Tanto melhor, pensam os maiores espíritos do tempo: o despotismo ilustrado poderá por em prática os sistemas bem ordenados, realiza sonhos sublimes. Xenofonte procura o homem que poderá «comandar vontades»; mostra na *Cyropédia* como ele se poderá formar segundo um tipo já lendário; apresenta a sua imagem ao vivo nos traços de Cynes e d'Agentas; se pinta, no retrato de Hieron, o mal que produz o mau tirano, é para lhe opôr o bem que pode fazer o tirano bom e inteligente. Platão desejava fazer melhor do que escrever; corre atrás do monarca que se ergue em camplão da sua República. Foram precisas três viagens à Sicília e arreltas, humilhações, sofrimentos sem número, para o convencer que não encontraria na corte de Syracusa aquêl que, possuindo a arte realenga, merecia impôr a todos um poder absoluto e fundar o Estado modelo. Depois de tantas decepções, quando em seus velhos dias se resigna a pedir às leis o que ele desejava obter de uma vontade pessoal, tem ainda retornos de ternura para o tirano moço, instruído, corajoso, de espírito elevado. Mais do que qualquer outro, o retórico Isócrates se mostra pleno de admiração pelos heróis defensores e propagadores do helenismo e, em geral, pelos grandes homens que a divindade suscita para realizar seus designios. Sem sair da sua escola, com o *calamus* na mão, não cessa durante meio século de procurar o homem de cabeça que fará a unidade da Grécia, conduzindo-a contra a Pérsia. Enganado nas esperanças que fundara no ateniense Timoteu, já não conta senão com um monarca de poder absoluto; e não é ele o amigo e conselheiro dos príncipes cypriotas Enagoras e Nicoteles? Não tem ele por discípulo o tirano de Heradea? E el-lo que ensaia sucessivamente Jason, Alexandre de Phères, Denys de Syracusa, Echidamos, filho de Agesilas, até que, desesperado, apela para Filipe da Macedónia.

«Um Chefe, é um Chefe que se reclama». Aquêles mesmos que não desejam que haja um para a Grécia inteira e que seja um estrangeiro, aquêles que defendem ferozmente a sua pequena pátria vêm bem o que faz a força do Macedónio: ela decide, e executa; seu poderio não se dissolve em formalidades, concentra-se em comando e em actos. Eis o que pensa o seu maior adversário, obrigado, ele próprio, a dispender esforços sobre-humanos para convencer aquêles que quer salvar. E quando seu émulo Hiperide, pronunciando a oração fúnebre dos guerreiros mortos por Atenas, pronuncia a da própria Atenas, dirá: «A nossa Cité tinha necessidade de um Homem, e a Grécia inteira de uma Cité capaz de tomar a sua direcção.»

E Glotz traça a seguir o impressionante quadro em que a Grécia, abandonando as suas concepções próprias, se entrega com delírio à fascinação do cesarismo oriental, numa abdicção completa da sua personalidade histórica. A Grécia de Dracon e de Solon, a Grécia de Pericles, sucede a Grécia macedónica. E Glotz termina: «Eis os factos. Não foi, pois, a Macedónia que na luta decisiva representou o progresso; e o Ateniense poderia jurar que os vencidos de Cheronea não tinham, ao defender o património da sua pátria, sido menores do que os vencedores de Maratona, de Salamina e de Platêa.»

Teria de citar na íntegra o livro de Glotz, da página 345 em diante, se quizesse mostrar ao leitor outros quadros em que a semelhança com o momento actual é flagrante: —tenho, porém, de me limitar a este exemplo, que é de resto sugestivo.

Se Glotz, no livro citado, nos fornece análises sugges-

EUROPEIA Europeístico

por ABEL SALAZAR

tivas sob o nosso ponto de vista, e no que diz respeito à Grécia, outros autores modernos, como Homo e Lot, apresentam-nos pontos de referência correspondentes, no que diz respeito a Roma. Convém, por isso, ainda a título de exemplo, citar neste local as páginas seguintes de Ferdinand Lot, in «La Fin du Monde Antique et le début du Moyen Age».

«Que o mundo romano tenha sofrido uma perturbação económica das mais graves, a partir do III Século, e mesmo no II Século, é um facto averiguado. E é não menos certo que este facto acarretou consequências políticas e sociais de primeira ordem. Podemos formulá-lo assim: «O Império, a partir do III Século, é uma preparação para a Idade Média.»

«Os sinais mais evidentes desta perturbação económica são-nos apresentados pela alteração das moedas e a desordem dos preços. No fim da República romana, a economia monetária tinha há muito tempo sucedido à economia chamada «natural» ou doméstica, na qual os valores de troca não existiam ou quasi não existiam.

«Mas o mundo mediterrâneo tinha saído deste estado, os países helénicos anteriormente ao V Século antes da nossa Era, a Itália latina pelo III Século. A economia monetária encontrou-se mesmo bastante avançada para que Júlio Cesar tivesse podido fazer de um dos metais, o ouro, o regulador dos valores; tinha como diríamos hoje, adoptado o estalão ouro.

«A medida que se avança no III Século, a queda precipita-se. A única moeda em circulação é o *antoninianus* criada por Caracalla. O seu peso é irregular, a cunhagem detestável. A proporção de aligam sobe até 90,95,98,5 p. 100 nos reinados de Galiano e Cláudio. Neste momento o *antoninianus* é uma peça de cobre ou de chumbo recoberta por uma película de prata, uma moeda «rançada». Não é mais, como diz Mommsen, de que um «assignat metálico». A despeito das prescrições imperiais, os preços sofrem perturbações correlativas. Jámais o mundo tinha visto semelhante abalo económico. Os esforços de Aureliano para remediar este estado de coisas foram inúteis.

«Quanto à tentativa de Diocleciano para instituir um *maximum* de preços para os géneros, salários e objectos usuais, teve uma fortuna muito diferente: o fiasco foi total e Constantino retirou o édito.

«E a despeito destas medidas o mal estar do mundo romano persiste. Aparecem indícios certos de que a sociedade está em estado de regressão económica, a economia monetária cedendo lugar cada vez mais à economia natural ou doméstica.

«Volta-se atrás, muito atrás.

«Quanto às consequências inevitáveis dum sistema que não permite recompensar os serviços prestados senão sob a forma de pagamento natural, de distribuição de terras, não são difíceis de vê-las:—conduzem ao regime chamado feudal ou a um regime análogo.

«Eis-nos, agora, em presença de um problema de primordial importância. Como explicar que o mundo romano, economicamente próspero no fim da República e durante os dois primeiros séculos do Império, se tenha arruinado, e sem remédio? A tormenta do III Século foi politicamente terrível, e o regime monetário sofreu graves perturbações. Mas Aureliano, Diocleciano e Constantino, repuzeram em pé o mundo romano, refundaram a administração, aperfeiçoaram o sistema financeiro, e a moeda tornou-se quasi tão sã como no Século I. E no entanto nada conseguiu sustar a ruína, que não faz senão acentuar-se no curso dos Séculos IV e V.»

E Ferdinand Lot comenta, em 1914, desta maneira: «E' um fenómeno surpreendente para nós, habituados ao espectáculo de uma prosperidade sem cessar crescente. Uma crise comercial, uma guerra, podem interromper esta prosperidade, mas estamos seguros que após um lapso de tempo mais ou menos longo, os negócios recomeçam e que a produção das riquezas não se suspenderá jámais. Porque razão? Porque vivemos no regime capitalista, regime sob o qual todas as forças da sociedade estão em tensão para a produção de valores que se escoam para buracos cada vez mais amplos.»

Singular ironia! O livro de Lot, começado em 1913, foi apenas terminado, após longa interrupção, em 1921, e publicado em 1926, isto é, em plena Crise Europeia! Alguns anos depois de escrita a frase acima citada a marcha dos fenómenos, em vez de nos conduzir a um surpreendente contraste, levou-nos a uma flagrante analogia, quasi uma homologia!

Este artigo vai longo, e tenho de fechá-lo. Quero, porém, acentuar que não pude com ele senão dar ao leitor uma rápida indicação sobre estas analogias. Uma questão se põe: são estas analogias superficiais, ou, pelo contrário, profundas, expoentes dos mesmos fenómenos gerais, exponenciais comuns da decadência das civilizações? Não esqueçamos, com efeito, que as mais profundas crises de crescimento, como o Osirismo, apresentam com os fenómenos de decadência idênticas analogias, e que tais crises são, por vezes, como o referido Osirismo, de aspecto bem mais catastrófico, na aparência, do que as crises de decadência.

E' para esta distinção que a *Idade da Europa* tem uma importância fundamental: razão porque iniciamos este estudo pela definição referida.

E deste dado fundamental resulta imediatamente, a conclusão seguinte, a saber: que os fenómenos acima citados não representam meras similitudes de aparência, analogias superficiais, mas, pelo contrário, são os exponenciais de analogias profundas, os expoentes diversos de um mesmo fenómeno geral da História.

Como, porém, é impossível traçar, mesmo em esquema, as leis gerais de tal fenómeno sem o leitor estar com ele suficientemente familiarizado, devo fornecer-lhe aqui, reduzidas à sua mais simples expressão, os meios de se pôr ao facto do fenómeno em questão; e para esse fim, julgo poupar-lhe tempo e pesquisas fatigantes recomendando, além do livro de Glotz já citado, e do livro de Ferdinand Lot igualmente citado, os livros seguintes de Léon Homo: «L'Italie Primitive et les débuts de l'Impérialisme Romain»; «Les Institutions Politiques Romaines: de la Cité à l'Etat».

Com estes elementos como base de informação poderá o leitor, sem grande dificuldade, acompanhar os desenvolvimentos que vão seguir-se.

DE CINEMA

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA DOIS)

obra cinematográfica pretende-se apenas fazer um bom filme. Por isso, aproveitou-se tudo que fosse emotivo, adulteraram-se coisas e factos, cortou-se muita coisa e introduziram-se coisas novas, como os fusilamentos, com o fim de tornar o assunto mais cinematográfico. Sómente discordo de certas deformações de caracteres de vários personagens, perfeitamente escusadas.

Temos pois que reconhecer que *Terra Bendita* vale mais, como obra de ficção, do que *China, Velha China*. Mas, embora lá esteja o drama colectivo (na 1.ª parte), embora lá esteja a fome e a guerra, os gafanhotos e a indiferença dos ricos, a verdade é que, como documentário, estudo sociológico e interesse humano pelas tragédias da velha China, não vale o livro de S. Buck. Eis porque na última metade do filme se banalisa um tanto.

Terra Bendita é a vida miserável de um agricultor chinês desprotegido dos homens e da natureza, sob o Sol e sob o chicote, vítima da seca ou da inundação, que o acaso enriqueceu mas se conservou amigo da terra que, até quando nada produzia, nos períodos de seca, lhe servia de alimento para acalmar o estomago dolorido.

Em *Terra Bendita*, obra independente, tudo é perfeito e bem dado. Sendo a biografia de um camponês do norte da China e de sua mulher, de uma abnegação estóica, era necessário arranjar dois actores à altura da dificuldade dos seus papéis, Paulo Muni e Luisa Rainer não interpretaram; viveram os seus personagens. Não deve ser possível fazer melhor. A êles se deve grande parte do valor do filme que ficará como padrão do bom cinema, do verdadeiro cinema.